

MARIANA AMÉLIA MACHADO SANTOS

*Nascida em Faro*

# Os filósofos «recentiores» do século XVIII em Portugal



COIMBRA — 1946

Do Sr. <sup>mo</sup> Dr. <sup>o</sup> Dr. Mário Martins, com muito apreço

Mariana Jacinto

Lisboa, 26-8-1946.



Os filósofos "recentiores"  
do século XVIII em Portugal

R

1/23-1

Misc. 74



MARIANA AMÉLIA MACHADO SANTOS

# Os filósofos «recentiores» do século XVIII em Portugal

Separ. de «Biblos», vol. XXI



BIBLIOTECA  
de  
ESPIRITUALIDADE  
S. J.

COIMBRA — 1946

## NOTA

Este estudo que estava concluído em 2-X-1944, por motivos vários só hoje vem a público.

Queremos declarar que as afirmações apresentadas são produto da visão directa dos textos que compulsámos, quer na Torre do Tombo, quer nas Bibliotecas da Ajuda ou Nacional de Lisboa.

Parecerá à primeira vista que as Conclusões de Filosofia não têm o valor que se lhes quer atribuir aqui; estamos no entanto convencidos que não é assim. Por exame pessoal, chegámos à convicção de que a maior parte dos pontos de exame aprovados nas escolas portuguesas do séc. XVIII, resumia o pensamento dos autores que os presidiam, e, por vezes, é fácil verificar isto se os compararmos com os textos mais extensos — as postilas das aulas — dos mesmos Mestres. Dir-se-ia que o professor condensava em fórmulas rígidas o pensamento que explanara nas aulas, e exigia uma revisão da matéria como prova de aproveitamento nos exames do fim do ano.

Para se chegar à arrumação — digamos assim — que demos aos grupos de professores de filosofia setecentistas portugueses, foi necessário compulsar centenares de conclusões para delas só extrairmos o pouco que ficou dito. Por ser esgotante a tarefa, e por não a julgarmos concluída ainda — pois infelizmente grande parte das conclusões impressas ignora-se hoje completamente onde existem — poder-se-á um dia ampliar mais o grupo dos *recentiores* portugueses.



Quando Verney, em 1751, no final do livro primeiro do *De re logica*, declarou a sua admiração por António Genovesi e disse que ambos usavam *quase* o mesmo filosofar, não entreviu talvez que a sua afirmação iria contribuir para que em Portugal o *De re logica* fosse suplantado pelos *Elementorum Artis logico-criticae libri V* (1745), do filósofo napolitano.

La acesa polémica pela Europa culta: cartesianos e lockeanos, leibnizianos e newtonianos, opunham-se, discutiam, tomavam precauções contra as ideias novas, ou perfilhavam-nas, atentos à crescente tendência para o experimentalismo, que se acentuava nalguns campos<sup>1</sup>.

Portugal ainda andava alvoroçado com o perlustrar do *Verdadeiro Método de Estudar* (1.ª ed. 1746, Valença; António Balle). O livro do anónimo caíra de chofre e implicava com tanta coisa...

Depois, aquele desmascarar do Barbadinho, como o fizera, entre outros, Francisco de Pina e Melo<sup>2</sup>, formara tal multidão desconfiada e hostil a Luís António Verney, que a *Lógica* deste, embora oferecida à mocidade estudiosa da sua pátria, encontrava sérios atritos para ser adoptada francamente, e apontavam-se com desconfiança os que acolhiam aberta e audaciosamente o método histórico-crítico, a análise

<sup>1</sup> Vide a nossa dissertação de licenciatura: *Verney contra Genovesi. Aparentamentos para o estudo do «De Re Logica»*, P. II, in «Biblos», 1938, vol. XIV, págs. 458-474.

<sup>2</sup> Vide o nosso apontamento: *Inéditos de Verney* in «Biblos», 1942, vol. XVIII, págs. 545-556.



geiro apresentava. Também ultimamente, novos paladinos<sup>1</sup> impugnam para os mais acusados de relutância às novas doutrinas — os jesuítas portugueses — o mérito de terem tido alguns pioneiros na adopção do método experimental, pretendendo levantar-lhes o labéu de refractários que muitos lhes têm lançado.

Não alinharemos pelos acusadores, nem pelos defensores, e ergueremos a lâmpada de Diógenes, não, como o Filósofo pelo modelo de virtude, mas sim em demanda do rasto da Verdade.

Logo após a publicação do *Verdadeiro método de estudar*, é frequente a cada professor de filosofia o declarar abertamente a sua preferência ou relutância pelas teorias chamadas modernas, dos filósofos *recentiores*. O motivo revolucionário patenteia-se pela auto-defesa da acusação de inépcia e ignorância que lhes fôra feita.

É assim que Tomás Manuel Pamplona Rangel Carneiro de Figueiros na *Refutatio Philosophica sive Conferentia Philosophiae*, etc. (1748, Conimbricæ; Ludovicus Secco Ferreira), e o paulista fr. Joaquim de Santana e Silva<sup>2</sup>, mes-

<sup>1</sup> Domingos Mauricio, S. J.; J. Pereira Gomes, S. J.; e António Alberto de Andrade, S. J.

<sup>2</sup> Este Autor queria regressar ao verdadeiro Aristóteles. Diz na pág. 74, § 153: «Systema, quod vocatur Peripateticum, seu Aristotelicum non est Aristotelis, sed Arabum, seu Avicennæ, seu Averrois, & similium, qui, medio sæculo octavo, tum in Africa, tum in Hispania, præsertim Cordubæ, Aristotelem malè interpretati sunt: ergo præfatum systema non debet adduci, ut Peripateticum.»

Na pág. 64, § 100, declara os motivos que o levam a preferir o sistema peripatético: «Tertium fundamentū est à maxīma auctoritate extrinseca, qualis nam est S. Thomæ, P. Augustini, Scoti, M. Suar. Scholarum Thomistarum, Scotistarum, N. N. Reulistarū, & Universitatum Portugaliæ, Hispaniæ, Galliæ, Germaniæ, ac aliarum regionum. Accedunt ferè omnes, & multæ integræ Religiones hoc systema acriter amplectentes, ut sunt florentissima Prædicatorum familia, ingeniosissima Minorum religio; et aliam nostra familia Eremitica non solum per Portugaliam, sed etiam per Poloniæ, Hungariæ, Istriæ, & Sæviæ Peripatetum amplexa est; pro omnibus tamen sufficiat præclarissima, & religiosissima nobis amico fœdere conjunctissima Jesu Societas, tot virtutibus exornata, tanta sapientia



tre de Teologia e Doutor pelas Universidades de Évora e Coimbra no volume intitulado *Disputationes Physicae* (1753, Conimbricæ; Antonius Simoens Ferreyra), se declaram contra os novos-atomistas — nada menos que os nossos oratorianos investidos no papel de inovadores portugueses. Apresentam argumentação justificativa e, como estes autores, muitos outros há, de atitude idêntica.

Os simpatizantes com a filosofia nova, citam Verney quase a medo no princípio deste debate caloroso, pois seria necessário que decorressem quarenta anos, depois da primeira edição do *De re logica*, para que o *Programma* impresso do Real Seminário do Patriarcado (1792, Lisboa; Regia Of. Tipografica) a adoptasse definitivamente, e encomiásticamente chamasse a Verney *sábio e erudito*. No Seminário, presidiu aos actos deste ano o padre JOSÉ VICENTE FERREIRA; anteriormente porém já a lógica verneiana fôra aprovada pelo Real Colégio de Nobres <sup>1</sup>.

Antes de 1746, um jesuíta italiano: João Baptista Capasso, professor de filosofia na Universidade de Nápoles, e médico <sup>2</sup>, fala com simpatia na sua *Historiae Philosophiae Sinopsis* (1728, Neapoli; Typ. Felicis Muscae), em Newton, Descartes e Gassendo. Descartes foi mesmo um dos que lhe mereceram mais atenção, mas notemos que não fala em Locke, nem em Leibniz, e que, ao dedicar como estrangeiro o livro a D. João V, não esqueceu homenagear-nos com a inclusão de

*illustris, ut virtutum pelagum, & sapientiae centrum illam nuncupare non pertinescã; haec absdubio domus est verè Domini, in qua pedem fixit sapientia.*

Fr. Joaquim de Sant'Ana e Silva não é único neste propósito. Da mesma opinião é Fr. José de Nossa Senhora dos Anjos (1759) (veja aqui a pág. 218) e o oratoriano João Baptista, com a *Philosophia Aristotelica restituta* (1748); lembramo-nos ainda do franciscano do convento de Extremoz, Fr. Lourenço de São Tomás (1719-20) que escreveu «*In Aristotelis Dialecticam Disputationes Qq ab adversantibus tum Veterum tum Recentiorum principiis Scoti Logica segregatur*» (Ms. 4761<sup>1</sup> da BNL), de sabor muito clássico.

<sup>1</sup> Não esqueçamos que o estrangeiro precedera-nos no adoptar das obras de Verney.

<sup>2</sup> Irmão do matemático e astrónomo Domingos Capasso, em serviço no Observatório astronómico de Lisboa. Morreu em 1735, em Nápoles. Vide *Acta Eruditorum*, 1729, Lipsiae, p. 217-222, e Michand.



alguns filósofos portugueses como: António de Gouveia, Rodrigo de S.<sup>ta</sup> Cruz, Manuel Álvares, Francisco Soares, Oleaster, Jerónimo Osório, Pedro da Fonseca, Diogo de Paiva, Baptista Fragoso, Pedro Hispano, Sebastião Barradas, etc., etc. — o que é apreciável nesta época.

Capasso, teria sido um dos que colaboraram no falhado movimento renovador do tempo de D. João v. Tal como aconteceu aos que tentaram *actualizar* a cultura portuguesa no tempo do rei Magnânimo, não se veria tão cedo os frutos do seu labor.

O próprio irmão de Verney — o oratoriano lisbonense: Diogo Verney — é, no *Cursus Philosophici* (1742, 4 vols. ms.: I, Lógica; II-III, Física; e IV, Metafísica)<sup>1</sup> o mais clássico e escolástico possível quanto ao método. Lá está na sua Lógica, em extensa exposição, a silogística (p. 293-492), e não falta a teoria dos universais *in genere et in specie* (p. 497-675).

A discussão que girava, para a Lógica, à volta do cartesianismo e da teoria lockeana das ideias, prolongou-se por todo o século XVIII. Testemunha-o a polémica à volta das publicações sob o título *O Filósofo solitário* (1786-87, Lisboa; Regia Of. Typ., 3 vols.) declaradamente simpatizantes com Locke, Newton Condillac e o chamado atomismo. Foi este um conflito literário que quase competiu com o que teve por alvo o livro do Barbadinho, pois conhecemos, pelo menos, dezena e meia de folhetos anónimos em prol e contra o *Filósofo Solitário*: é que ele dizia admirar também o Genuense e apresentava um plano muito paralelo, nalguns pontos, ao de Verney.

Ainda muito mais tarde, por exemplo: Fr. Manuel de Nossa Senhora da Ajuda, agostinho descalço, presidente das *Conclusões de ideologia* (1806, Lisboa; Joaquim Tomaz de Aquino Bulhões), defendidas no Convento da Boa Hora da capital, não admitirá que todas as ideias provenham dos sentidos: o problema da origem do conhecimento continuava palpitante de interesse no oitocentos português.

— Daqui iria resultar a criação da cadeira de Ideologia.

<sup>1</sup> Ms. 2546-49, da BNL.



Mas, aclaremos a área dos *recentiores* portugueses:

Havia *epicuristas* (os sensualistas que admiravam Condillac, Gassendi e os antigos peripatéticos) e *naturalistas* (os que seguiam na esteira de Rousseau); sabíamos já <sup>1</sup> que Verney seguira Locke e Newton, e Genovesi optara por Descartes e Leibniz. Aos do partido verneiano, chamavam-lhes *novos-atomistas* (estavam com os epicuristas), mas havia ainda os que se auto-intitulavam *ecléticos* e explicavam a designação como senha de liberdade no filosofar. — Eram estes os menos ousados; em geral seguiam o Genuense e Leibniz, e procuravam não melindrar a gregos e a troianos.

Se agora agruparmos os nomes que respigámos no nosso inquérito pelos grupos apontados, teremos:

A) VERNEIANOS, isto é, declaram-se expressamente por Verney:

RODRIGO DE MATOS, oratoriano da Congregação de Lisboa, professor de Filosofia na Casa das Necessidades em 1756, que na primeira parte do seu *Cursus Philosophicus* <sup>2</sup> menciona Verney ao tratar da história da Filosofia e considera a sua Ordem, as dos beneditinos, trinitários, cônegos agostinhos e servitas, o grupo donde saíram os *recentiores* portugueses. Pela importância grande que Rodrigo de Matos dá à teoria das ideias (págs. 22-114), e pela divisão que apresenta, poderemos colocá-lo entre os que apreciavam com espírito livre *An Essay concerning human understanding* de Locke, e tinham presente igualmente a opinião cartesiana.

MANUEL ALVARES de Queiroz, da Congregação do Oratório do Porto, que lhe traça o mais rasgado elogio por um português desta época <sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Ob. cit., *Verney contra Genovesi*.

<sup>2</sup> Ms. 4582, da BNL.

<sup>3</sup> Na *Instrução sobre a Logica ou Dialogos sobre a Filosofia racional*, 1760, Porto, págs. 117 e 229; *Elementa Philosophiae*, 1765, Portucali, págs. 69-70 e 84, e *Conclusiones Historico-critico-philosophicas de Universae Logica*, 1770, Portucali; Francisco Mendes Lima.

Manuel Álvares não veria êxito muito demorado com as suas produções.



FRANCISCO BERNARDO DE LIMA, cônego do Evangelista, director da *Gazeta Literária* (1761-62, Porto; Francisco Mendes Lima, 2 vols.) <sup>1</sup>, e seu grande admirador.

Outro oratoriano da Congregação do Porto — BENTO JOSÉ, *Artium magister Professorque Philosophiae in Academia Eborensi* (1764-66), que se diz seu discípulo <sup>2</sup>.

FR. JOAQUIM DE SANT'ANA XAVIER, professor de Filosofia do Convento de S. Francisco de Santarém que, na obra manuscrita em 2 vols. *Philosophicum Systema pro trienali Artium curriculo* (1769-71) <sup>3</sup>, manda ver a Verney.

AGOSTINHO JOSÉ DA COSTA DE MACEDO, professor de Filosofia racional e moral no Real Colégio dos Orfãos de Lisboa, que nas *Conclusiones de re Logica* (1778, Lisbonnae; Ex Typis Josephii Aquinatis Bulhoens), do citado colégio, elogia Verney ao abordar igualmente a história da Lógica (pág. [4]) afirmando-se relativista convicto <sup>4</sup>.

FR. ANTÓNIO DE SANT'ANA LOPO e FR. LUCAS DE SÃO JOAQUIM PINHEIRO, ambos paulistas e professores do Colégio de S. Paulo de Évora, têm uma história da Lógica comum nas conclusões a que presidiram em 1778 e intitularam respectivamente: *Examen historico-Logicum*, e *Dissertationes Historico-critico-Logicas* (ambas impressas em Lisboa; Ex Typ. Regia), onde se elogia Verney, João Baptista e Teodoro

<sup>1</sup> Desta revista, que é precisamente do mesmo género das científicas estrangeiras da época, só se publicaram 2 tomos. Vide o tomo 11 (1762), pág. 57, do número de Janeiro, e pág. 18 do número de Março, e pág. 4 do número de Maio, onde se elogia Verney e há referências a Teodoro de Almeida e a Manuel Álvares. Na pág. 167 e seg. do tomo 11, vê-se bem como a revista foi perseguida.

<sup>2</sup> De Bento José conhecemos várias obras manuscritas e um impresso. Veja-se o nosso artigo: *Bento José, professor de filosofia em Évora*, no *Boletim da Bibl. da Univ. de Coimbra*, 1945, vol. XVII.

<sup>3</sup> Vol. I: *Lógica e Metafísica*, ms. 10.543 da BLN. Vol. II: *Física*, ms. 10.519 da BLN.

<sup>4</sup> «Quid quod Lusitania etiam nostra, magnorum ingeniorum ferax, aliquos, eosque primi ordinis, numeret? Nascunt omnes Vernetium, Almeidam, Alvaresium, Monteirum ceteros; quinimo sub Imperio Augustissimae Reginae, cui bonae litterae adeo cordi sunt, ut perpetuo in iis stabiliendis, & perficiendis summa invigilet cura, ut Scholas publicas beneficentissima protegat manu, & liberalium Artium Professores innumeris ditet muneribus, omnes sperant fore ut Lusitania in Logica etiam excolenda omnis alias antecellat Nationes.» pág. [4].



de Almeida, e se admite como primeira via do conhecimento as sensações materiais («sensaciones materiales»), e se nega a existência de ideias inatas.

Outro franciscano, mais tarde bispo de Pequim, D. Fr. ALEXANDRE DE GOUVEIA, nas *Theses ex Universa Logica et Critica* (1781, Coimbra; Tip. Academico-Regia), presididas no Colégio franciscano de S. Pedro de Coimbra, elogia-o e ao Genovesi, e só admite uma ideia inata — a de Deus — pois todas as outras, diz, provêm dos sentidos.

B) NOVOS-ATOMISTAS. (Contra Descartes. Lockeanos e newtonianos. São por Verney mas não o nomeiam):

Os agostinhos do Mosteiro de S.<sup>a</sup> Cruz de Coimbra: D. CARLOS e D. ANTÓNIO DA ANUNCIAÇÃO, o primeiro, numa das melhores teses setecentistas: *Ex Phisica Universa secundum Veterum ac Recentiorum placita, Selectas theses* (1748, Lisbonae; Apud Josephum da Costa Coimbra), é contra Leibniz; toma o partido de Newton e dos atomistas e expõe as teorias modernas. D. António, defende os *modernos* («recentiores»), combate Aristóteles mas diz que tudo vem dos sentidos; considera Newton o mais importante filósofo, referindo-se na tese *Philosophia Universa & Christiana* (1750, Lisbonae; Apud Josephum da Costa Coimbra), ao tratar da Física, à «electricam virtutem noviter inventa». Esta tese parece resumir o conteúdo da sua obra, em 2 vols. *Philosophia eclecticica* (1757-58, Colimbriae; Ex Praelo Academiae Liturgicae Pontificiae).

Outro frade crúzio, de Coimbra: D. JOSÉ DE NOSSA SENHORA DA PORTA, autor da tese *Philosophiam Universam* (1757, Collimbriae; Ex Praelo Pontificiae Academiae Liturgicae), igualmente trata de Newton e «de virtute electrica».

O jesuita SEBASTIÃO DE ABREU, homónimo do como elo professor da Universidade de Évora no séc. XVII, segue Locke na origem das ideias, nas *Conclusiones ex universa Philosophia* (1754, Évora; Tip. Acad.).

ANTÓNIO SOARES Barbosa, oratoriano da Congregação de Lisboa e director da Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra, é por Newton e Locke, contra Descartes e Leibniz no *Discurso sobre o bom e verdadeiro gosto na Filosofia* (1766, Lisboa; Miguel Rodrigues). Defende a liberdade de pensar e alegra-se por ver que «já não reina a ser-



vidão aristotélica» (pág. 6), mas, primeiramente, fôra António Soares eclético.

O cônego agostinho D. Fr. JOAQUIM DA ASSUNÇÃO, professor de Física e Matemática em Mafra, segue Newton nas *Theses ex philosophia naturali selectas* (1779, Lisboa; Tip. Regia).

CUSTÓDIO PINTO, oratoriano da Congregação de Viseu, nas *Dissertationes de Universa Logica* (1779, Olisipone; ap. Antonium Rodericium Galliardum), está contra Platão, Leibniz e os peripatéticos, e alinha com Epicuro e Demócrito, seguindo Locke na dupla via do conhecimento: primeiro os sentidos e depois a reflexão.

Fr. JOSÉ DA IMACULADA CONCEIÇÃO, franciscano, professor de Filosofia no Convento do Funchal, partidário de Locke nas *Exercitationes Philosophiae rationalis* (1780, Olisipone; Ex Typ. Regia)<sup>1</sup>.

Fr. ANTÓNIO DA SILVEIRA, trinitário, professor do Colégio das Artes de Coimbra, igualmente vai por Newton explicado por Sigórnio, no *Certame Fysico* (1782, Lisboa; Regia Of. Tip.) com que celebrou o Capítulo Provincial dos trinitários portugueses, efectuado na capital.

Fr. TEODORO DE CARVALHO, carmelita, diz que as ideias vêm pela dupla via dos sentidos e da reflexão nas *Conclusiones Logicas* (1779, Lisboa; José Aquino de Bulhões), a que presidiu no Convento de Lisboa.

O ministro de Portugal em Madrid, DIOGO DE CARVALHO E SAMPAIO, no *Tratado das cores* (1789, Malta; Imp. João Mallia), baseia-se na análise do espectro solar de Newton e admira Locke, querendo ser experimentalista. É curiosa a sua convicção de que há só duas cores primitivas: o vermelho e o verde.

O doutor Fr. ATANÁSIO DE S. JOSÉ CUNHA, franciscano do Convento de Coimbra, segue Locke na origem das ideias, no *Examen de Universa Logica* (1792, Coimbra; Tip. Acad.).

Emfim o paulista do Convento de Lisboa, Fr. JOAQUIM DA INCARNAÇÃO MONTEIRO, é igualmente lockeano na origem

<sup>1</sup> Encontrámos um Fr. José Joaquim da Imaculada Conceição, também franciscano, mas professor de filosofia em Guimarães, em 1797, que julgamos ser outro personagem; é autor eclético das conclusões do *Examen de Logica, et Ethica* (1797, Lisboa; Tip. Regia).



das ideias, nas *Conclusiones circa Logicam* (1794, Lisboa; António Rodrigues Galhardo).

C) **SENSUALISTAS.** (Admitem uma única via do conhecimento: os sentidos. São os mais extremistas. Pertencem a estes, os epicuristas, os aristotélicos verdadeiros e os que seguem Condillac. Verney não é nomeado mas entra no número dos corifeus). Incluímos neste grupo também os **NATURALISTAS**:

O carmelita calçado, professor do convento de Coimbra, MIGUEL DE AZEVEDO, atomista, partidário de Gassendi e dos antigos peripatéticos no *Opusculum Philosophico-baconicum* (1765, Coimbra; António Simões Ferreira). É contra o cepticismo de Francisco Sanches.

O professor brasileiro da Universidade de Coimbra, frade agostinho, JOSÉ DURÃO, paladino dos *recentiores* e do estudo da natureza; adversário do silogismo, na oração latina *Pro annu a studiorum instauratione Oratio* (1778, Conimbricæ; Typ. Academico-Regia).

FR. JOÃO SILVÉRIO DE LIMA, primeiramente franciscano e professor do Convento de Jesus de Lisboa, nas *Theses ex Universa Philosophia Rationali excerptae* (1783, Lisboa; Simão Tadeu Ferreira), declara-se contra Locke e o princípio de razão suficiente de Leibniz, e simpatizante por Condillac. Id. nas *Theses ex Universa Philosophia rationali selectas* (1786, Lisboa; Simão Tadeu Ferreira). No *Discurso acerca da utilidade dos estudos de filosofia* (1806, Lisboa), que escreveu depois de secularizado, o mesmo autor elogia Condillac e Locke, opondo-se a Leibniz e Kant, mas salva-guarda a sua discordância para com o último alegando que só o conhece através de Villiers, Boddmer e Zallinger.

FR. EUSÉBIO PRÓSPERO, dominicano, do convento de Lisboa, afirma igualmente que todo o conhecimento provém dos sentidos, nas *Positiones Logico-Criticas* (1788, Lisboa; Filipe da Silva e Azevedo).

FR. JOÃO DE SANTA RUFINA, do convento franciscano de S. Pedro de Alcântara, de Lisboa, nas *Exercitationes De re logica et ontologica* (1791, Lisboa; Tip. Regia), diz, não com muita firmeza, que tudo depende dos sentidos.

JOAQUIM PEREIRA ANES DE CARVALHO, que, enquanto foi agostinho descalço, se chamou Fr. Joaquim de Jesus, é um propagador das idéias de Condillac nas *Conclusões de Logica*,



defendidas no Convento da Boa Hora de Setúbal (1797, Lisboa; Simão Tadeu Ferreira). Atribui-se-lhe a tradução anónima da Lógica de Condillac (1801, Lisboa), publicada sob o título: *Obras elementares de philosophia racional* (...) Tomo 1.

Contra epicúreos e naturalistas, insurgir-se-iam: em 1750, António Ribeiro, portuense, na curiosíssima tese de doutoramento em Direito canónico, na Universidade de Coimbra: *De Sacerdotio, et Imperio Selectae Dissertationes* (1770, Lisboa; Ex Typ. Regia), mas concordaria no achar péssimo o método escolástico; Emídio José David Leitão, professor de Filosofia no Colégio das Artes de Coimbra, publicaria anónimamente, e com carácter polémico, a *Dissertação sobre a combinação das idéias intellectuales e sensíferas* (1791, Coimbra; Off. Typogr. da Univ.), contra Locke e Rousseau; e o irrequieto José Agostinho de Macedo, arremessaria contra a filosofia moderna da época — para êle, a dos epicuristas — a *Refutação dos Princípios metaphysicos e moraes dos pedreiros livres illuminados* (1816, Lisboa; Imp. Regia) e os sermões: *Contra o filosofismo do séc. XIX* (1811, Lisboa; Imp. Regia), e *Sobre o espirito de seita dominante no séc. XIX* (1811, Lisboa; Imp. Regia), que tiveram 2.<sup>a</sup> edição, além de outros escritos.

D) É numerosa agora a ala dos eclécticos. (São pela liberdade de pensar mas moderados. É claro que os partidários do Genuense são também eclécticos mas preferimos dar à parte a nota dos que expressamente dizem seguir o método de Genovesi).

O oratoriano lisbonense JOÃO BARBOSA, é declaradamente ecléctico na Lógica manuscrita de 1754 *Universa Philosophia. Pars Prima sive Logica*<sup>1</sup>; segue a orientação histórica, pretende guiar-se apenas pela razão, e elogia por igual a Leibniz e Newton.

Fr. FRANCISCO DA MADRE DE DEUS PONTES, franciscano arrábido, professor de Filosofia no Convento de Mafra, atribui idêntico valor, na história da Filosofia, aos dois partidos que se defrontavam: o newtoniano e o leibniziano, no *Com-*

<sup>1</sup> Ms. 6406, da BNL.



*pendium Philosophiae quatuor in partes distributum, nempe Logicam, Physicam, Metaphysicam, et Ethicam*. 1756<sup>1</sup>, e considera os cônegos de S.<sup>ta</sup> Cruz de Coimbra, os teatinos e os mínimos de S. Francisco de Paula no número dos pensadores modernos da sua época. No ano seguinte, nas *Conclusiones Dialecticas de triplice mentis operatione juxta doctrinam Scoti expositas* (1757, Lisboa; Manuel Coelho Amado), confirmará a verdade do axioma peripatético: «Nihil est in intellectus quod prius non fuerit in sensu», e explicará teològicamente: «Haec tamen dependentia intellectus nostri à sensibus, juxta doctrinam Scoti, provenit nobis ex culpa originali» p. [2].

ANTÓNIO SOARES BARBOSA, oratoriano, eclético na primeira fase, como atrás se disse, quer, no *Opusculum Philosophicum*, t. 1, 1758, que até os Jesuítas *quase todos* estejam com as ideias modernas e se se colocam, diz, sob a tutela de Aristóteles, é para evitarem conflitos de maior<sup>2</sup>.

Fr. JOSÉ DE NOSSA SENHORA DOS ANJOS, franciscano, na *Integram Philosophiae Opus*, 1759, usa o método histórico-crítico, mas pretende restituir o peripatetismo à forma primeira de Aristóteles e mesmo até ampliá-lo. Combate Newton, Descartes e Gassendó e é francamente eclético pela independência que assume<sup>3</sup>.

Fr. JOSÉ DE ALMEIDA, carmelita, autor dum curso manuscrito de Lógica intitulado *Institutiones Philosophiae ad studia theologica potissimum accommodatae*, 1764, Lisbonae (4 vols.), é conscientemente eclético e trata, no primeiro volume, da História da Filosofia, com certo desenvolvimento<sup>4</sup>.

<sup>1</sup> Ms. 4110, da BNL.

<sup>2</sup> Ms. 4338, págs. 16-22, da BNL. «*Toscae institutum sequuti sunt Philippini omnes Lusitani, quorum precipua, et summa laus erit, quod Peripateticismum radicitus evelleret in animo habuerint, et tandem negotium confuerint etsi per calumnias, et malam famam. Astro bene perpena, palinodiam cecinerunt, quique illis adversabatur; atque volentes, vel nolentes idem institutum amplexi sunt, et amicas dedere manus.*

*Hujus ergo Philosophiae documentis juventutem tum publice, tum privati imbuunt Canonii Regulares S. Crucis; aliqui ex Benedictinis; plures ex Religiosis SS. Trinitatis, et ex Carmelitanis non paucis; nec non et Iesuitae fere omnes, et si callide sententias suas sub Aristotelis placitis inducant; ne forsam invidiam majorum suorum subeant.*» (págs. 22-23).

<sup>3</sup> Ms. 10523, da BNL.

<sup>4</sup> A ordem dos manuscritos, que versam somente a Lógica, é a que segue: Ms. 6.101, 6.100, 6.102 e 6.099, da BNL.



Fr. MANUEL DE SANT'ANA, franciscano, elogia Newton e é lockeano nas importantes *Dissertationes de re Philosophica Universa* (1769, Olisipone; Typ. Emmanuelis Coelho Amado), dedicadas a D. José; para ele, há uma dupla fonte do conhecimento: os sentidos e a reflexão e não há ideias inatas. Nas *Exercitationes Logicas* (1783, Lisboa; António Rodrigues Galhardo), declara-se também eclético, por Gassendi, Genovesi e Descartes.

D. TOMÁS DA VIRGEM MARIA, cônego de Santa Cruz de Coimbra, que escreve ora em latim, ora em português, e em várias conclusões a que presidiu no Mosteiro de Mafra, onde foi professor de filosofia, especialmente nas *Conclusiones Logicae, Metaphysicae, et Ethicae* (1776, Olisipone; Ex Typ. Regia), no *Epítome da Filosofia Racional e Moral* (1780, Lisboa; Francisco Luiz Ameno), e nas *Exercitationes Logicas, Metaphysicae et Ethicae* (1781, Lisboa; António Rodrigues Galhardo), se apresenta de cunho moderno a destacar das conclusões vulgares defendidas no mesmo mosteiro<sup>1</sup>.

Fr. JOÃO DO CENÁCULO, franciscano, moderado, admite uma triplice fonte do conhecimento: os sentidos, a imaginação e a consciência, nas *Disquisitiones Philosophico-Mentales* (1778, Olisipone; Ex Officina Aloysiana) e não lhe repugna citar Descartes, Newton e Leibniz conjuntamente na pequena digressão histórica que faz.

José DIAS, oratoriano da Congregação de Braga, nas *Conclusiones De re Logica* (1779, Olisipone; Ex Typ. Regia), também é eclético.

O evangelista ANTÓNIO DE SÃO JOSÉ LIMA, professor em Coimbra, confessa a mesma preferência; estima Locke na origem das ideias e é pela liberdade de filosofar, nas *Conclusiones Philosophico-Logicas, de prima mentis operatione* (1779, Lisboa; Lino Silvio Godinho).

Outros franciscanos: Fr. JOSÉ DE TAVIRA, do Convento de Santo António de Évora onde ensinou, além da Filosofia, a Teologia e presidiu em 1779 às *Theses de Physica generatim* (Olisipone; Ex Typ. Regia); Fr. FRANCISCO DE VILA DO CONDE CARNEIRO, professor do Colégio de Santo António de Penafiel

<sup>1</sup> Há na Biblioteca da Ajuda uma dissertação do séc. XVIII contra os Filósofos Arrábidos (os de Mafra), assinada por Bernardo José Marques, que os acusa de antiquados. Ms. 50<sup>1</sup>-66, n.º 45.



— é ele próprio quem se declara eclético, em *Has Logico-critico-rationales Theses* (1780, Olisipone; Ex Typ. Regia); Fr. JOSÉ PEREIRA DA PENHA DE FRANÇA, este do Convento de Jesus de Lisboa, desenvolve as suas tendências ecléticas nas grandes *Conclusiones Philosophicas, Pro jucunda a Comitiorum celebratione* (1780, Olisipone; Apud Antonium Rodericium Galliardum); Fr. CONSTANTINO DE PORTALEGRE, outro franciscano do Convento de Beja, refere-se aos «muitos illustres modernos, verdadeiros Restauradores do bom gosto de filosofar» na p. 4 do *Exame publico de Logica, Metafysica e Ethica* (1780, Lisboa; Francisco Luiz Ameno) e noutra tese do mesmo ano e do mesmo convento: *Exame publico que fazem de Logica, Metaphysica e Ethica* (1780, Lisboa; Francisco Luiz Ameno), opta pelo caminho intermédio dos modernos e dos que seguem Aristóteles, para, noutra ainda, defendida no mesmo convento de Santo António de Beja: *Exame publico de Filosofia racional* (1780, Lisboa; Francisco Luiz Ameno), combater Aristóteles e os que fazem da alma uma tábua rasa.

D. AGOSTINHO DA VISITAÇÃO, cônego crúzio de Coimbra, nas *Conclusiones Metaphysico-Logicas* (1780, Coimbra; Tip. Academico — Regia), antepôs Platão e Descartes à filosofia dos que dizem que os sentidos são a primeira via do conhecimento.

Fr. FELIX DE S. JOSÉ, carmelita, professor de filosofia, considera a experiência e os fenómenos, a origem das ideias; declara-se eclético nas *Conclusiones Logico-Criticas De his, quae ad verum inveniendum, seu Artem criticam spectant* (1781, Coimbra; Tip. Academica), e nas *Theses logicas De his, quae spectant ad tres mentis operationes* (1781, Coimbra; Architypographia Academico — Regia).

TEODORO DE ALMEIDA, oratoriano da Congregação de Lisboa, segue Newton na Física, mas é eclético. Recomenda Regnault e João Baptista, e é pelo ensino da filosofia em português. (Veja o prólogo da 2.ª edição da *Recreação Filosófica*, 1835, Lisboa; José Baptista Morando. A 1.ª edição é de 1751 (?). Lisboa; Miguel Rodrigues).

O bispo do Algarve D. FRANCISCO GOMES DO AVELAR, oratoriano da Casa das Necessidades de Lisboa, grande amigo e admirador de Teodoro de Almeida (nas *Disceptationem Logico-criticam De cognitionis humanae signis internis externisque, ideis et vocabulis*, 1783, Lisboa; Tip. Regia, e especial-



mente no *Tentamen Logico-criticum seu Artis cogitandi veri inveniendi disserendique praecepta*, 1784, Lisboa; António Rodrigues Galhardo), diz versar a Lógica do Genuense.

O antigo agostinho Fr. FRANCISCO DO CORAÇÃO DE JESUS, secularizado mais tarde, e deportado para a Ilha Terceira, elogiou por igual a Leibniz e a Newton, no Concílio Geral da sua Ordem, realizado no Convento da Conceição em Lisboa, em 1789, nas *Quaestiones Philosophiae* (1789, Lisboa; Simão Tadeu Ferreira).

D. Fr. MANUEL NICOLAU DE ALMEIDA, carmelita calçado, doutor em Teologia pela Universidade de Coimbra e que havia de ser bispo de Angra do Heroísmo, segue os modernos e é por Verney e Genovesi, contra a escolástica, nas *Theses Philosophicae ex Logica excerptae* (1792, Coimbra; Tip. Acad.).

Fr. JOAQUIM CARVALHO DA BOA-MORTE, franciscano, reconhece duas fontes do conhecimento: sentidos e mente, nas *Positiones Logico-eclético-criticas* (1794, Lisboa; Tip. Regia), presididas no Convento de S. João de Deus.

Chegamos agora a António Genovesi:

Giovanni Gentile, na *Storia della Filosofia Italiana dal Genovesi al Galluppi* (2.<sup>a</sup> ed., 1937, Firenze), ao tratar, no T. 1, cap. 1, pp. 1-23 de Genovesi, parece desconhecer a influência exercida pelo Genuense em Portugal no ensino filosófico; pelo menos guarda silêncio absoluto sobre o facto. E, no entanto, o ascendente do italiano foi notável no nosso país.

Consideramos a ordem oficial de publicação das *Institutiones Logicae*, em 1773, como o começo do império do Genuense.

O padre INÁCIO MONTEIRO, S. J., do distrito de Viseu, professor de Matemática e Filosofia em vários colégios portugueses e, depois, na Universidade de Ferrara, ajudou com a sua recomendação de Regnault, Wolf e Genovesi, na *Logica seu Ars critica ad rationem dirigendam* (1768, Veneza; António Zatta), à divulgação do nome do napolitano em Portugal.

De 1773 a 1826 as edições latinas da Lógica de António Genovesi sucedem-se no nosso país. Conhecemo-las de 1773 (Conimbricae; Architypografia Academico — Regia); *id.* de 1808, 1814 e 1827.



Em 1785 é traduzida em português e editada por Bento José de Sousa FARINHA, com o título *Lições de Logica feitas para o uso dos Principiantes* (Lisboa; José da Silva Nazareth); em 1790, o mesmo tradutor apresenta a *Metaffisica* (Lisboa; António Gomes).

Estas edições em português são simultâneas das *edições latinas* pelo mesmo editor literário <sup>1</sup>.

1785-1787 marca o apogeu da popularidade da *Lógica do Genuense*.

Há, neste período, quatro edições desta obra: a latina, por Farinha (1786) e as traduções portuguesas: de Farinha (1785), Miguel Cardoso (*As instituições de Lógica*, 1786, Coimbra; Real Impressão da Universidade) <sup>2</sup>, e a de Guilherme Coelho Ferreira (*Instituições Logicas escriptas para uso da mocidade*, 1787, Lisboa; Francisco Luiz Ameno).

Em 1850, saiu a última edição portuguesa da *Lógica*.

Os discípulos do italiano tinham sido muitos. Eis alguns dos mais influenciados:

*No século XVIII*: D. MARCELINO DA INCARNAÇÃO, cônego agostinho de Santa Cruz de Coimbra, elogia António Genovesi ao tratar da História da *Lógica* nas *Institutiones Logicae, seu De ratione recte cogitandi, judicandi et intelligendi...* (1777, Olisipone; Ex Typ. Regia).

<sup>1</sup> Edições da trad. port. da *Lógica* de Genovesi, por Farinha:

1785, Lisboa; J. S. Nazareth (2.<sup>a</sup> ed.?)

1816 (3.<sup>a</sup> ed.), Lisboa; Viuva Neves & Filhos.

1828, Lisboa; Tip. Rollandiana.

1840, Lisboa; J. B. Morando.

1845, Lisboa; J. B. Morando.

1850, Lisboa; J. B. Morando.

— Edições latinas por Farinha: *Institutiones Logicae in usum tiro-num scriptae*, 1786, Olisipone; Josephi da Silva Nazareth.

1789, Lisboa; António Gomes.

1796, Lisboa; Simão Tadeu Ferreira.

1797, Lisboa; Simão Tadeu Ferreira.

1814, Lisboa; Viduae et Filiorum Joannis Rodericii Nevesii.

1821, Olisipone; Ex Typ. Academiae Scientiarum.

1828, Olisipone; Typ. Rollandiana.

1835, Olisipone; Typ. Morandiana.

1847, Olisipone; Typ. Morandiana.

<sup>2</sup> Teve ainda 2.<sup>a</sup> ed. em 1806. Lisboa; Tip. Lacerdina; e 3.<sup>a</sup> ed., 1842, Lisboa; António José da Rocha.



Fr. FILIPE DE SÃO TIAGO, paulista do Convento de Évora onde ensinou Filosofia, igualmente elogia Genovesi e menciona Leibniz no *Examen Historico-Logicum* (1778, Olisipone; Ex Typ. Regia) e com ele está o padre ANTÓNIO JOSÉ DOS REIS, professor do seminário da Guarda, nas *Conclusiones Logicae* (1779, Olisipone; Francisci Ludovici Ameno).

Outro secular, ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA VELEZ, professor em Elvas, apesar de citar muito o *De re logica* e o *Apparatus ad Philosophiam et Theologiam* de Verney, diz que expõe o sistema de Genovesi em obediência aos estatutos universitários, nas conclusões em português que começam: *Para exame público de toda a Philosophia Racional* (1779, Lisboa; António Rodrigues Galhardo).

Fr. MANUEL DE SANTIAGO, agostinho do Convento da Graça de Coimbra, nas *Conclusiones Philosophicas De Logica* (1781, Conimbricæ; Ex Typ. Academico — Regia) também rende público elogio ao italiano.

Fr. MANUEL DO ESPÍRITO MINDE, franciscano, expressa a diferença entre Verney e Genovesi, criticando o primeiro e seguindo o italiano, nas *Propositiones et Philosophiae Historia, Logica et Mathesi extractas* (1792, Lisboa; António Rodrigues Galhardo).

A estes podemos juntar o minorita Fr. BERNARDINO DE SANTO ANTÓNIO, do Convento de Gouveia (*Theses De re Logico-Critica et Metaphysica*. 1796, Lisboa; Tip. Regia).

No século XIX: Fr. MANUEL DA CONCEIÇÃO BARROS, beneditino, professor do seminário de Braga, nos *Elementos de Logica e Metaphysica* (1834, Braga; Tip. Lusitana), chega ao extremo de indicar, no índice do livro, as páginas que correspondem às do compêndio do Genuense!

Outro beneditino, professor de Filosofia e Teologia em Braga, MIGUEL JUSTINO DE ARAUJO GOMES ÁLVARES, resume a Lógica do Genovesi e imprime a *Taboa Synoptica (...) da Logica de Genuense* (1842, Braga; Tip. Bracharense). O mesmo fazem conjuntamente: JOSÉ CORREIA DA SILVA E MELO e MANUEL JOAQUIM AFONSO CIRNE (*Elementos de Logica de Genuense*. 1845, Coimbra; Imp. de Trovão e Companhia).

MANUEL ANTÓNIO FERREIRA TAVARES, médico e professor de filosofia racional e moral dos liceus do Faro (1844) e Lisboa (1846), e DOMINGOS PINTO RIBEIRO, médico e professor de filosofia racional e moral do seminário e do liceu de



Lamego, onde foi reitor, parecem-nos ser dos mais tardios admiradores da Lógica genovesca.

Pouco a pouco, ia decrescendo o entusiasmo por Genovesi nas nossas escolas. Desde 1800 que se publicara a edição portuguesa da Lógica de Du Marsais (Lisboa; João Procopio Correa da Silva).

Em 1843, Manuel Pinheiro de Almeida e Azevedo pretendia corrigi-lo, porque o achava insuficiente (*Noções elementares de Psychologia e Ideologia*, 1843, Braga).

Os *Elementos de Metaphysica segundo o Genuense* (1849, Porto; S. J. Pereira), que julgo serem do citado M. da Conceição Braga, para *facilitar o estudo da Metaphysica àquelles que, enquanto não apparecer outra competentemente auctorizada, se acham na necessidade de se cingirem à de Genuense* (Veja-se o Prólogo), notam a mesma falta de se variar.

O professor da Universidade de Coimbra, Manuel dos Santos Pereira Jardim, em 1851, abertamente acusa as falsas doutrinas e o antiquado da filosofia genovesca, no *Relatorio e Programma para a Reforma da Philosophia Racional e Moral* (Coimbra, Imp. da Univ.).

Ainda há, no entanto, muitos adeptos pois só muito lentamente se operava a eliminação total.

J. F. M. S., responde em 1856 às emendas feitas por Almeida e Azevedo (*Algumas reflexões sobre certos absurdos ontológicos que se encontram nas «Noções Elementares de Ontologia, e Psychologia Racional e Theodicea, ou Metaphysica de Genuense, reformada por M. Pinheiro d'A. e A., edição de 1845»*, 1856, Braga; Typ. Lusitana), e se, em 1897, ainda há quem o ache antiquado, é porque Genovesi continuava a ter quem o seguisse.

Podemos agora concluir, deste anotar à margem de rápida e não exaustiva resenha bibliográfica, que o século XVIII, em Portugal, não teve simplesmente duas correntes filosóficas opostas, a não ser que se agrupem de um lado os escolásticos intransigentes e, do outro, a variada multidão dos *recentiores* — dos modernos. Sobressai, dentre estes, a corrente eclética — a mais moderada no filosofar. Mesmo entre os Ora-



torianos, que substituíram os Jesuítas no ensino oficial, houve, de início, alguns que não se opuseram firmemente à escolástica reinante, e atenuaram o ímpeto da inovação aderindo ao eclectismo que eles interpretaram como libertação voluntária da *auctoritas* máxima: o Aristóteles da Escola.

O Porto, com o seu Oratório de S. Filipe Neri, tornou-se centro activo de aplauso a Verney, como mais tarde Braga o seria de Genovesi; Lisboa e Coimbra tinham partidários em todos os campos.

O papel de Luís António Verney avulta, quando reparamos no afã renovador que se seguiu ao aparecimento das suas obras, e que nenhum dos que o precederam a querer introduzir ideias novas conseguiu com tal intensidade. Jacob de Castro Sarmiento, Manuel de Azevedo Fortes, o italiano João Baptista Capasso, o oratoriano português João Baptista, ou qualquer outro, não viram nunca seguir-se à exposição escrita do seu pensar, tão entusiástica celeuma à volta de problemas capitais da Filosofia, como: o da origem do conhecimento, ou o da liberdade de pensar, ou mesmo de técnica filosófica, como era o do método.

E se é certo que Genovesi conseguiu, entre nós, suplantar em interesse o arcediogo Verney — só podemos explicar tal resultante como acaso feliz que o colocou na situação de medianeiro entre forças opostas, de suave resvalar entre planos de nível muito diverso.

Verney foi, como disse Ricardo Jorge, o *clarim de guerra*, e Genovesi o feliz usufruidor de uma situação intrincada e de agitação rumorosa.